

humanitas

161

UM GOVERNO PARA E POR "TODES"

ANTES DE ADOTAR
DE VEZ ESSE USO,
É PRECISO SABER
COMO FICAM OS
GÊNEROS DA LÍNGUA
PORTUGUESA

CONTRIBUIÇÕES
DA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL PARA
GARANTIR MAIS
SAÚDE E QUALIDADE
DE VIDA INDIVIDUAL
E COLETIVA

ISOLADOS POR UM FIO

A AMAZÔNIA TEM A
MAIOR CONCENTRAÇÃO
DE POVOS INDÍGENAS
EM SITUAÇÃO DE
ISOLAMENTO. OS DANOS
DA REPETIDA E VELOZ
VIOLAÇÃO DE SEUS
DIREITOS E AUTONOMIA
SÃO DEVASTADORES

editorial
escala



PAULO FREIRE: TEORIAS E PRÁTICAS PARA A FORMAÇÃO DE GERAÇÕES MAIS HUMANAS E DEMOCRÁTICAS



EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA

É hora de colocar em prática um ensino de filosofia que busque facilitar e dar condição aos estudantes de relacionar os conceitos filosóficos com a realidade vivida no dia a dia, sem abrir mão dos textos tradicionais

POR FÁBIO ANTÔNIO GABRIEL

Como tudo que concerne à filosofia, o seu ensino também deve ser considerado a partir de uma perspectiva filosófica. Por vezes, encontramos pesquisas muito oportunas sobre ensino de filosofia, mas que não o problematizam do ponto de vista filosófico. Impõe-se que seja relevante, porque não há ensino de filosofia sem o substrato de base para a reflexão filosófica. A partir de cada definição da filosofia, existe uma compreensão do seu entendimento ao respectivo modo de filosofar. Nesse sentido, há uma variedade de percepções sobre o ensino de filosofia, do mesmo modo que há uma diversidade de compreensões sobre a identidade da filosofia.

Nascimento (2020), ao realizar uma análise histórica do ensino de filosofia no Brasil, coloca-nos a tônica da aprovação da Lei nº 11.684/2008, que propôs a filosofia como disciplina obrigatória no ensino médio. Nesse contexto, o grande desafio era de que a filosofia não se tornasse um instrumento disseminador da ideologia oficial do Estado.

Em 2021, já antecipando as proposições do novo ensino médio, no estado do Paraná, tivemos a redução das disciplinas de filosofia, sociologia e artes no ensino médio, impactando diretamente a formulação didática da disciplina para o ano seguinte, o que significou novos desafios para os professores da disciplina, com a implementação de novas grades curriculares que, certamente, afetarão a sua organização.

Formação de estudantes

Não é nosso objetivo, neste artigo, realizar discussões sobre essa temática em especial, mas acreditamos ser relevante situar o quanto o ensino de filosofia precisa estar bem articulado para que, apesar dessas situações de ataques de desprestígio, a filosofia continue a oferecer sua contribuição no âmbito do currículo escolar e, principalmente, para a formação da cidadania de nossos estudantes.

Cerletti (2009) apresenta-nos toda uma reflexão sobre o ensino de filosofia enquanto problema filosófico. Para esse autor, a questão do ensino de filosofia depara-se preliminarmente com a necessidade de se compreender qual é a concepção de filosofia pressuposta na aprendizagem filosófica. Determinada compreensão sobre o que se entende por ensino de filosofia acaba por estabelecer o modo de ensinar filosofia. Cerletti (2009, p. 63) assim expressa seu pensamento: “Converter a questão ‘ensinar filosofia’ em um problema filosófico modifica também a sequência tradicional da didática da filosofia, que privilegia o ‘como’ ensinar, para colocar então em primeiro lugar a análise do ‘que’ ensinar. O ‘que’ não será simplesmente um tema filosófico, mas segundo o que sustentamos até aqui, envolve uma tomada de posição perante a filosofia e o filosofar. Essa colocação, por sua vez, outorga um forte protagonismo aos professores nas decisões sobre as estratégias a desenvolver

“ENTENDER A AULA DE FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA INDUZ A UMA REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA QUE POSSIBILITA A SUPERAÇÃO DE UM ENSINO DE FILOSOFIA MERAMENTE ENCICLOPÉDICO. UM ENSINO QUE RECORRA AO CONHECIMENTO ENCICLOPÉDICO SOMENTE COMO FERRAMENTA PARA A EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA ATUA COMO CONDIÇÃO *SINE QUA NON* – E NÃO APENAS PARA UMA VISÃO DE FILOSOFIA RELACIONADA COM A EXISTÊNCIA, MAS TAMBÉM PARA QUE A EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA INTEGRE O COTIDIANO DO ESTUDANTE”

para levar adiante o seu ensinar, já que tais estratégias resultarão da integração das posições filosóficas e pedagógicas pessoais, com a avaliação das condições e do contexto em que o ensino terá lugar.”

No processo formativo, é de particular relevância que se contribua para que os acadêmicos desenvolvam uma análise de que, dependendo da concepção de filosofia, impõe-se a adoção de um conjunto de procedimentos didáticos a serem entendidos como relevantes para a aprendizagem filosófica. Importa também ressaltar

que a disciplina de filosofia é uma disciplina do currículo e é convidada a adaptar-se às demandas contextuais do projeto político-pedagógico a que venham a inserir-se.

Nesse particular, Cerletti (2009, p. 72) assim afirma: "As instituições educativas não são lugares neutros, conformam o cenário de permanentes e múltiplas disputas políticas, econômicas, sociais e culturais." Nesse sentido, entendemos que é de fundamental importância que ajudemos nossos alunos a filosofar sobre o cotidiano de sua existência, superando, assim, toda e qualquer forma de aceitação daquilo que é disseminado pela indústria cultural.

Temas que não foram diretamente explorados pela filosofia, até o momento, podem vir a ser objeto de aprendizagem filosófica no ensino médio, como o consumismo. Filosoficamente podemos pensar com os estudantes do ensino médio sobre esse imperativo de consumo sem limites que nos é legado pela sociedade contemporânea e nos leva a uma cultura do descartável e à insatisfação, buscando consumir exaustivamente.

Filosofar e criar conceitos

A arte de filosofar possui diversos entendimentos, um deles, muito difundido no Brasil, é a busca do filosofar enquanto criação conceitual. Tal entendimento remete a Deleuze e Guattari (2010), que entendem a filosofia enquanto criação conceitual. Pensando no ensino médio, evidentemente que não se espera que o estudante desse nível de ensino produza um pensamento extremamente original, capaz de ser considerado uma experiência conceitual, mas que perceba a relevância da aprendizagem por conceitos, a fim de que realize reflexões epistemológicas sobre sua aprendizagem filosófica.

Na obra dos autores, encontramos uma expressão desse entendimento filosófico que justamente situa a relevância do pensar tendo em

vista a criação conceitual. O objeto de estudo da filosofia seria então a criação conceitual. A clássica interpretação dos filósofos Deleuze e Guattari (2010, p. 11) assim se formula: "O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. O amigo seria o amigo de suas próprias criações? Ou então é o ato do conceito que remete à potência do amigo, na unidade do criador e de seu duplo? Criar conceitos sempre novos é objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência."

Deleuze e Guattari (2010) distanciam-se de uma filosofia transcendental e partem de uma filosofia para traçar um plano de imanência e instaurar conceitos novos. Compreensões tradicionais e tidas como inquestionáveis são criticadas por eles. A filosofia, assim, não seria nem contemplação, nem reflexão, nem comunicação. Para contemplar, refletir e comunicar não se necessita da filosofia, mas é objeto específico da filosofia criar conceitos.

Pensando na filosofia no ensino médio, podemos assumir uma posição de criação de conceitos para as aulas e, assim, os próprios procedimentos didáticos assumiriam esse posicionamento. A própria avaliação de uma aula de filosofia enquanto criação de conceitos assume uma posição diversa daquela vivenciada em outra perspectiva. Muito mais do que verificar se o aluno memorizou afirmações dos sistemas filosóficos, a avaliação em um contexto de entendimento da filosofia enquanto criação de conceitos visa verificar

"O CONHECIMENTO ENCICLOPÉDICO É PROPEDÊUTICO PARA A VIVÊNCIA DA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA, MAS NÃO PODE SER CONSIDERADO COMO UM FIM EM SI MESMO"

se o estudante conseguiu reformular seus próprios conceitos e dialogar com os conceitos dos filósofos da tradição.

Professor filósofo

Parece-nos ser complementar a essa compreensão o entendimento do filósofo português Carrilho (1987), que entende a aula de filosofia como laboratório do pensamento. Assim, não existe uma filosofia que seja predominante, existem filosofias que possibilitam manifestações em problematizações diversas. Transformar a aula de filosofia num espaço de experimentos implica, sobretudo, relegar posicionamentos dogmáticos e quaisquer possibilidades da filosofia enquanto doutrinadora da existência.

Urge destacar uma busca constante para compreender a filosofia nesse sentido, ou seja, como espaço para que o professor exerça seu papel de professor filósofo. O professor filósofo é alguém que não apenas transmite um conhecimento filosófico a ser aprendido, memorizado e transcrito numa avaliação, mas é um professor que auxilia os estudantes na busca constante da criação conceitual.

Gallo (2012) tem desenvolvido contribuições sobre o ensino de filosofia enquanto criação de conceitos no Brasil e ele aponta a possibilidade de essa vertente metodológica ser aplicada no ensino médio. De modo análogo, parece, no

nosso modo de entender, dialogar com Carrilho (1987) ao propor na sua obra que a aula de filosofia seja considerada uma oficina de conceitos. Nesse sentido, quando a aula de filosofia é entendida como um momento de criação de conceitos, temos a oportunidade de possibilitar aos nossos estudantes uma experiência filosófica (que trataremos mais especificamente na próxima seção). Gallo (2012, p. 57) assim disserta sobre a aula de filosofia enquanto "oficina de conceitos": "A aula de filosofia, penso, precisa ser vista como uma 'oficina de conceitos'. Não é uma sala de museu, conforme já disse antes, na qual se contemplam conceitos criados há muito tempo e que são vistos como meras curiosidades, mas como um local de trabalho onde os conceitos sejam ferramentas manipuláveis, como um laboratório onde se façam experiências e experimentações (grifo de Gallo). Dessa forma, teremos na sala de aula a filosofia como uma atividade, como um processo, e não como um produto. Conceitos a serem criados, recriados, retomados, renovados, em lugar de conceitos sempre-já presentes a serem decorados para a próxima prova."

É assim que ele nos propõe a superação de uma visão da aula de filosofia como museu em que se encontram pensamentos valiosos mas perdidos no tempo. Tal proposta nos permite pensar na relevância de entender a aula de filosofia enquanto um momento de crescimento recíproco entre professores e alunos na experiência da criação de conceitos.

Aula e experiência

Compreender a aula de filosofia enquanto experiência filosófica demarca um entendimento da filosofia em sua diversidade de denotações ao longo da história da filosofia. Trata-se, pois, de compreender a aula de filosofia como um laboratório do conceito, viabilizando um entendimento da relevância da importância da

filosofia para o cotidiano das pessoas. Parece-nos relevante que a filosofia não seja apenas um conjunto de teorias que nada tenham a ver com a existência, e, sim, que a filosofia possa marcar a existência de cada estudante com sua perspectiva problematizadora.

Para demarcarmos o que entendemos por experiência filosófica, apresentamos a face contraposta que seria o ensinamento enciclopédico. O conhecimento enciclopédico é propedêutico para a vivência da experiência filosófica, mas não pode ser considerado como um fim em si mesmo. A experiência filosófica vai além dessa particularidade do aprender filosofia por diletantismo apenas. Urge ressaltar a importância também de conhecimentos filosóficos no processo da experiência do filosofar.

Essa concepção enciclopédica de ensino de filosofia é assim tratada por Mendes (2017, p. 84): “A concepção enciclopédica de ensino de filosofia sustenta-se na compreensão de que ela está circunscrita à sua história e que ensiná-la significa ensinar os conteúdos filosóficos, entendidos como produtos do pensamento materializado na história da filosofia. Esse modo de compreender a filosofia e seu ensino sustenta-se numa concepção pedagógica conservadora de educação, a qual Duarte (1998) chama de pedagogia essencialista. Segundo essa concepção, haveria uma essência humana idealizada, a-histórica, abstrata, e caberia à educação conduzir os estudantes com o objetivo de atingir o ideal preconizado.”

Laboratório de conceitos

Trata-se de uma visão de ensino de filosofia que valoriza tão somente o ensino da história da filosofia. Acaba por tornar rígido o seu ensino porque contribui para uma transmissão de conteúdos filosóficos, não culminando com uma criação conceitual. Não significa desprezar os conteúdos filosóficos, mas que é necessário

ir muito além, contribuir para uma experiência do pensamento, uma experiência filosófica.

Por experiência filosófica entendemos um ensino de filosofia que busque facilitar e dar condições ao estudante de relacionar os conceitos filosóficos tradicionais com a realidade atual em que se encontra. Urge, assim, buscar, de diversas formas, um diálogo entre o conhecimento enciclopédico de filosofia e a vida do estudante. Trata-se, pois, de realizar o que Gallo (2012) considera a aula de filosofia como laboratório de conceitos. Importa ressaltar que muitos professores encontram dificuldades para trabalhar tal processo, porque, na própria formação, aprenderam a memorizar conceitos sem relacioná-los com a existência.

A partir de Silva (2020), entendemos que o aprimoramento da formação de professores de filosofia para atuar no ensino médio é um desafio para que possamos contribuir com a aprendizagem filosófica dos estudantes de filosofia. É tempo de resistência diante de tantos ataques que a educação pública vem sofrendo. Silva (2020) apresenta as contribuições de Gramsci para pensarmos na formação de professores de filosofia e relembrarmos o conceito de uma escola dualista que é criticada por Gramsci.

A reforma do ensino médio vem justamente acentuar essa diferença crítica entre a educação ofertada aos filhos dos trabalhadores e a que é ofertada aos filhos da burguesia. Que a formação filosófica auxilie a sociedade a criticar todo posicionamento que contribua para o desrespeito para com a dignidade da pessoa humana e que possamos resistir nesse contexto de tentativa de banir a disciplina de filosofia enquanto conteúdo curricular. Todavia, esta reflexão sobre a formação de professores será objeto de possíveis novos artigos em que procuraremos estudar sobre esta temática diante da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Conclusões

A partir do que apresentamos neste artigo, podemos entender que somos convidados a considerar o ensino de filosofia além de um problema didático, como um problema filosófico. Entendê-lo nessa perspectiva implica buscar formas de compreender qual concepção de filosofia temos como pressuposto para tal processo. Aprender conteúdos de filosofia e aprender a filosofar são duas faces de uma mesma moeda. Nesse particular, somos convidados a entender a relevância de uma aprendizagem filosófica que conjugue o filosofar com o contato com textos filosóficos.

É fundamental também discutirmos sobre a importância de que, na medida do possível, ao estudante do ensino médio seja possibilitado um contato com os textos filosóficos para que, além dos conteúdos apresentados pelos manuais de filosofia, eles tenham contato diretamente com fragmentos de textos da tradição filosófica. Defendemos um ensino de filosofia enquanto experiência filosófica no sentido de

buscarmos formas de contribuir para que o estudante de filosofia não apenas memorize conteúdos filosóficos, mas que ele vivencie, na sua existência, uma experiência do filosofar. Adotamos a compreensão do ensino de filosofia enquanto criação de conceito de Deleuze e Guattari (2010).

A partir dessa compreensão, constata-se a relevância de que o estudante de filosofia realize uma experiência do filosofar, mesmo no ensino médio. Evidentemente que não esperamos do estudante do ensino médio que produza uma referência conceitual como um profissional de filosofia, mas que aprenda a relacionar os conceitos assimilados com os conceitos dos filósofos com a mediação do professor de filosofia. Que o estudante entenda que a filosofia não oferece conceitos abstratos, distantes de sua realidade, mas que integram o cotidiano e que as teorias filosóficas encontram-se presentes na sociedade muito mais do que se possa imaginar. **hmt**

REFERÊNCIAS

CARRILHO, Manuel Maria. *Razão e transmissão da filosofia*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moedas, 1987.

CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

GALLO, Sílvia. *Metodologia*

do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2012.

HORN, Geraldo Balduino. *Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli. *Didática e metodologia do ensino de filosofia no ensino médio*. Curitiba: Intersaberes, 2017.

NASCIMENTO, Christian Lindberg Lopes do Nascimento. *O ensino de filosofia no*

Brasil: aspectos históricos e metodológicos. *Cuadernos chilenos de historia de la educacion*, Santiago de Chile, n. 14, 2020.

OBIOLS, Guilherme. *Uma introdução ao ensino da Filosofia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

SILVA, José Carlos da. Ensino de Filosofia e a formação de professores e professoras: contribuições de Antonio Gramsci. *Eleutheria. Revista do Curso de Filosofia da UFMS*, Campo Grande, v. 5, n. Especial, p. 24-40, 31 dez. 2020.

FÁBIO ANTÔNIO GABRIEL é mestre e doutor em Educação pela UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), da UENP-Jacarezinho (Universidade Estadual do Norte do Paraná), da rede estadual do Paraná. É autor de *O ensino de filosofia enquanto experiência filosófica* (Pimenta Cultural, 2022). www.fabioantoniogabriel.com